

Coro

Casa da Música

Léo Warynski direção musical

14 dez 2025 · 18:00 Sala Suggia

MÚSICA PARA O NATAL



anos
casa da música

Javier Busto

Hodie Christus natus est

Ave Maria

Kuttun Kantak

1. Gabon miresgarriak
2. Gida nazu Gau ona
3. Gabon izar

Lars Jansson (arr. Gunnar Eriksson)

To the mothers in Brazil: Salve Regina

Ernani Aguiar

Acalanto para o Menino Jesus

Marcos Leite

Três Cantos Nativos

Luis Eduardo Galian

Esta bella Noche

José Benito Barros Palomino

Navidad Negra

Tradicional Venezuela

(arr. Alberto Grau)

Niño Lindo

Eduardo Falú

Villancico de la Falta de Fe

Joseph Monthé

(arr. Justin Joel Eba Dimbeng)

Yahwé Kola

Robert Mawuena Kwami

Krismas dodzi vo

Christian Onyeji

Amuwo ro ayi otu nwa

Francine Cockenpot/Raphaël

Passaquet

Noël noir

Tradicional crioulo (arr. Nicolas Renaux)

Noël à la crèche: Allez mon voisin

Textos originais e traduções nas páginas 8 a 16.

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.

Natal nos Trópicos

O anjo disse-lhes: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. [...] De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado».
(Evangelho de São Lucas 2,10-14)

Nas entrelinhas do relato de São Lucas sobre o anúncio do nascimento de Jesus, os cristãos ouviram música: ainda que as palavras do evangelista não o explicitem, as afirmações jubilosas do exército celeste foram, desde cedo, imaginadas como cânticos de louvor. Ao longo dos séculos, os rituais de celebração do Natal na tradição cristã procuraram devolver-nos a esse episódio fundador por meio de hinos, canções litúrgicas, baladas e outras tantas manifestações musicais que tentam recriar esse canto original, capaz de unir os céus e a terra. A música de Natal estende-se, contudo, além das paredes da igreja, às ruas e aos versos populares cantados de porta em porta. Entre o repertório sacro e o secular, a expansão e as transformações desta tradição refletem a mudança dos tempos: o desenvolvimento de novas técnicas de composição; o conflito entre diferentes interpretações dos valores e limites expressivos do Cristianismo; o choque e o cruzamento entre crenças e práticas culturais de povos e geografias distantes; e a multiplicação e hibridação de linguagens, fruto das somas e subtrações nascidas dos processos de descolonização e globalização. Compostas ao longo do século XX e vindas de vários pontos da Europa, da América Latina e de África, as obras

presentes neste programa são consequência desta história e reflexo das múltiplas linguagens que participam na celebração musical do Natal.

Esta longa tradição musical é inaugurada por volta do século IV, com o surgimento de vários hinos e poemas dedicados ao nascimento de Cristo. Ao longo da Idade Média, à medida que o calendário festivo do rito romano se vai consolidando, as referências ao tema natalício começam a surgir na forma de acrescentos (tropos) aos textos e melodias que serviam de base à celebração da missa e do ofício divino, durante o período do Advento. Em várias comunidades cristãs, o período natalício abria espaço a rituais peculiares, podendo envolver inversões de papéis sociais e músicas menos sérias, através das quais a igreja procurava aceder às disposições festivas dos crentes e controlar os excessos das celebrações seculares. A ocasião podia suscitar momentos de polifonia, cânticos processionais polifónicos (*conductus*), canções sacras não-litúrgicas, tropos dialogados e ainda dramas litúrgicos, que recriavam a manifestação de Jesus aos pastores ou aos reis magos (epifania).

A par destes desenvolvimentos em ambiente litúrgico, e graças aos progressos do movimento trovadoresco, as canções em língua vernácula ganharam progressiva relevância a partir do século XI, tendo vindo a ocupar um lugar de destaque na tradição natalícia. No século XIII, em França, surgem os primeiros registos de músicos que cantavam de casa em casa a troca de recompensas e, pouco depois, nos séculos XIV e XV, emergem, em Inglaterra e em França, as conhecidas *carols* e *noëls* — cantigas estróficas e tipicamente polifónicas, inspiradas em géneros como o rondó e a balada, com refrão, textos e melodias emprestados de hinos latinos ou de outras canções populares.

Já na Europa Central, certos dramas semi-litúrgicos que juntavam os padres, o coro e a congregação na execução de canções de embalar e danças em redor do berço de Cristo (*kindelwiegen*) foram também apropriados por rituais seculares.

No século XVI, a Reforma Luterana e a Contrarreforma levam a uma revisão do papel da música na igreja e do carácter das celebrações natalícias. Na Alemanha, num gesto de democratização, Lutero traduziu hinos e cantos latinos para vernáculo, e criou o coral luterano — um género de canção de melodia simples, cantada por toda a congregação em uníssono ou polifonia. Em contrapartida, procurou redefinir o período do Natal como tempo de reflexão e interiorização da fé, defendendo a produção de música calma e contemplativa, e o abandono das celebrações mais aparatosas e dramatizadas que até então se haviam desenvolvido.

Em resposta às revisões luteranas, a Igreja Católica optou por despojar a sua música de influências profanas e priorizar a inteligibilidade do texto sagrado. No Natal e noutras ocasiões especiais, decidiu, contudo, reforçar a espetacularidade e abrir espaço aos temas mundanos, de forma a chamar o povo à igreja. Na Península Ibérica, esta ligação ao universo popular concretizou-se, acima de tudo, através do vilancico sacro — uma peça em latim ou em vernáculo, derivada de formas populares como o vilancete e a cantiga, que reunia solistas e coro, e aludia a temas do quotidiano na noite da Véspera de Natal. Em suma, o vilancico suscitava um sentimento de pertença, transformando a igreja num espaço aberto a todas as pessoas, vindas de diferentes classes e culturas, e sublinhando a mensagem da epifania: todos podemos alcançar a salvação.

Esta abertura ao diálogo entre os domínios sacro e secular, assente numa lógica de

inclusão e de conversão, assume especial relevância quando do encontro entre as culturas ibéricas e os povos indígenas do continente americano. Tanto no caso espanhol como no português, o processo de colonização destes territórios estava intrinsecamente ligado a um projeto de cristianização, no qual a música e o Natal, entre outras festas sagradas, desempenhavam papéis de grande importância. O primeiro registo de uma missa de Natal na América Latina data de 1494, nas Caraíbas, e descreve uma cerimónia dirigida aos marinheiros e aos colonos espanhóis. Três décadas mais tarde, no seguimento da tomada da capital do Império Azteca (México), liderada por Hernán Cortez, as celebrações da Missa de Natal são abertas às populações indígenas — num gesto que anunciava o início de uma história marcada tanto por violência, como por mensagens de unificação. Já em meados do século XVI, no Brasil, as comemorações natalícias são inauguradas com a chegada dos Jesuítas, a quem Portugal delegou o processo de cristianização e a gestão de alguns territórios.

Por influência ibérica, a celebração do nascimento de Cristo na América Latina passou a concentrar-se na noite da véspera de Natal, sendo os dias que antecediam essa data, conhecida como *Nochebuena*, igualmente marcados por rituais específicos. A novena — período de nove dias, entre 16 e 24 de dezembro, que simbolizava os meses de gestação da Virgem Maria — estruturava-se em procissões e missas rezadas, que dispensavam certas partes cantadas, como o Glória e o Credo, abrindo espaço ao canto de vilancicos ou aguinaldos¹. Neste contexto colonial, surgem

¹ Aguinaldo: forma folclórica da Venezuela, herdeira do vilancico espanhol. É uma forma musical que se canta especialmente na época de Natal.

os vilancicos negros ou *ginéus*, cantados em crioulo português ou castelhano, e destinados a atrair as comunidades nativas e as populações de africanos escravizados para a igreja. A apropriação e a aproximação a estas diferentes culturas davam-se igualmente através de processos de *contrafactum*, que traduziam cânticos religiosos para línguas indígenas e atribuíam textos sagrados a melodias profanas. Somados estes elementos, as missas de *aguinaldos* tornaram-se progressivamente mais populares e ruidosas, acabando por ser consideradas inadequadas ao espaço litúrgico e transferidas para o exterior da igreja. Além de ritmos e textos populares, a cerimónia passou a integrar momentos de dança, derivados de rituais próprios das comunidades nativas e africanas, que associavam o mesmo período do ano a outras celebrações, como o solstício de inverno. Assim, deste triângulo cultural resultaram processos de contaminação mútua e formas de expressão híbridas, algumas das quais integradas neste programa.

O Natal Venezuelano está representado pelo aguinaldo *Esta Bella Noche* de Luís Eduardo Galian (1957-), *Vilancico de la Falta de Fé*, de Eduardo Falú (1923-2013), e ainda pelo arranjo de Alberto Grau (1937-) do aguinaldo tradicional *Niño Lindo*. As peças de Galian e de Grau são exemplares das características que, ao longo dos séculos, têm vindo a definir os aguinados natalícios: uma estrutura dividida entre estrofes e refrão, e um ritmo particular, baseado numa divisão irregular de cinco tempos, organizada em três pulsações seguidas de duas, das quais resulta um balanço vivo e dançável. A estas três peças junta-se *Navidad Negra* do colombiano José Benito Barros Palomino (1915-2007), que nos transporta para um Natal quente, vívido nas praias e ao som do ritmo sincopado e galopante

da *cumbia* — um dos géneros de dança popular mais destacados no país. Do Brasil, ouvir-se-ão *Acalanto para o Menino Jesus* de Ernani Aguiar (1950-) e *Três Cantos Nativos* de Marcos Leite (1953-2002), baseados em três melodias cantadas pelos indígenas Kraó, cujo texto não tem tradução conhecida. A música dos Kraó é inspirada na natureza, tipicamente repetitiva e pouco melódica. As peças de Leite — que contribuiu ativamente para a aproximação do canto coral brasileiro a temas e estilos populares — evocam esta linguagem através de onomatopeias e efeitos de percussão corporal que recriam a atmosfera sonora da selva.

Do outro lado do oceano, no continente africano, as celebrações do Natal chegariam mais tarde, no século XIX, pelas mãos de uma nova vaga de cristãos evangelistas vindos de vários pontos da Europa. A par da narrativa e da celebração do nascimento de Cristo, estes missionários trouxeram novos modelos de educação e prática musical, entre os quais se inclui a divisão do corpo coral em quatro texturas harmónicas (sopranos, contraltos, tenores e baixos), a figura do dirigente coral, o género do hino estrófico e formas fixas, que contrariavam as variações espontâneas comum na música tradicional. Contudo, se, por um lado, estas influências foram incorporadas com relativo sucesso nas culturas locais, por outro, tanto a época natalícia como os modelos musicais europeus adquiriram conotações menos positivas e despertaram uma vontade de autonomização.

Em alguns países, como a África do Sul, o Natal coincidia com um raro período de descanso para os trabalhadores e tornava-se, por isso, uma ocasião de excessos e decadência, associada a noções de dominação colonial e a exploração laboral. Em resposta, algumas

comunidades cristãs africanas criam celebrações litúrgicas alternativas, com orações, cantos e danças próprias, deslocando o foco da festividade natalícia e afirmando uma interpretação cristã mais alinhada com a autonomia e a identidade cultural africanas. Por seu turno, no domínio artístico, do descontentamento em relação à ação missionária e à influência da música clássica ocidental emerge, pela primeira vez, um género de música erudita africana a partir do qual os compositores locais podem, nos seus próprios termos, testar combinações de recursos musicais indígenas e estrangeiros.

O ganense Robert Mawuena Kwami (1954-2004) pertence a essa nova vaga de compositores interessados em defender o estudo, a execução e a valorização do repertório musical africano. A sua peça *Krismas dodzi vo* (“O Natal está a chegar”) é escrita na língua jeje e recupera o anúncio original dos anjos que celebram a chegada de Cristo. A mensagem bíblica é incorporada no ritmo da dança popular *highlife*, que surgiu no final do século XIX, em parte como resultado do cruzamento entre a música de marcha europeia e a música polirrítmica característica do sul do Gana. Por seu turno, o nigeriano Christian Onyeji (1967-) é reconhecido por ter liderado o desenvolvimento de um método de composição apoiado em investigação etnomusicológica, que estabelece uma linha de continuidade entre a música erudita e a música tradicional africanas. A sua obra *Amuwo ayi otu nwa* (“Porque um menino nos nasceu”) baseia-se na profecia messiânica sobre a vinda de Jesus (Isaías 9:6) e é cantada em ibo, uma língua tonal de uma comunidade da Nigéria com a qual o compositor tem ligações ancestrais. A peça junta uma textura predominantemente homofónica e frases de ritmo sincopado, que são continuamente repetidas. Por fim, do continente africano, ouvir-se-á ainda a

peça *Yahwé Kola*, de Joseph Monthé, baseada num canto de oferenda tradicional dos Camarões. A composição assume a forma de rondó, alternando entre refrão e episódios, e segue uma lógica de pergunta e resposta entre solistas e coro, comum ao repertório cantado nas igrejas cristãs e a múltiplos géneros de música tradicional africana.

Por último, haverá ainda tempo para visitarmos o Velho Continente e ouvir o outro lado desta mútua contaminação, com obras do espanhol Javier Busto (1949-), dos suecos Lars Jansson (1951-) e Gunnar Erikson (1936-), e dos franceses Nicolas Renaux (1982), Francine Cockenpot (1918-2001) e Raphaël Passaquet (1925-2011). De entre estas peças, destaca-se *Hodie Christus natus est*, de Busto, cujo propósito parece ser a subversão das expectativas do ouvinte. O compositor começa por nos situar num ambiente sonoro familiar — de textura contrapontística, harmonia tonal, ritmos regulares e carácter introspetivo — para, de seguida, nos surpreender com a introdução de ritmos de dança que revitalizam a antifona tradicional. Sobressai ainda o arranjo de Erikson, que combina a composição *To the Mothers in Brazil*, de Jansson, escrita para trio de jazz, com o texto da oração mariana *Salve Regina*. A peça produz um jogo de contrastes entre a sonoridade dócil e ordenada do espaço sacro e a desordem jovial do secular, sintetizando, assim, as tensões e a variedade de recursos que atravessam a longa história e as inúmeras faces da música de Natal.

FILIPA CRUZ, 2025

Javier Busto

Hodie Christus natus est

*Hodie Christus natus est.
Hodie Salvator apparuit.
Hodie in terra canunt Angeli,
laetantur Archangeli.
Hodie exsultant justi, dicentes:
Gloria in excelsis Deo,
Alleluia!*

Hoje Cristo nasceu.
Hoje o Salvador apareceu.
Hoje na terra cantam os Anjos,
alegram-se os Arcanjos.
Hoje exultam os justos, dizendo:
Glória a Deus nas alturas,
Aleluia!

Javier Busto

Ave Maria

*Ave Maria gratia plena
Dominus tecum.
Benedicta tu in mulieribus
et benedictus fructus ventris tui, Jesus.
Sancta Maria, Mater Dei,
ora pro nobis peccatoribus,
nunc et in hora mortis nostrae.
Amen.*

Ave Maria cheia de graça,
O senhor está contigo,
Bendita sejas entre as mulheres,
E bendito o fruto do teu ventre, Jesus.
Santa Maria, mãe de Deus,
Roga por nós, pecadores,
Agora e na hora da nossa morte.
Ámen.

Javier Busto

Kuttun Kantak (Lourdes Zubeldia)

1. Gabon miresgarriak

*Gabon miresgarriak
abots ixilean,
artzaiari bezela
mintza dit gauean.
Bihotzeko txirulak
doinu gozoetan,
Zoratu nau gainezka
Gabon gau honetan.
Gabon miresgarriak.*

Noites de Natal, tão belas,
em voz baixa e serena,
Falam-me, como ao pastor,
nesta noite plena.
As flautas que vêm do coração,
em melodias suaves,
Deixaram-me em êxtase,
nesta noite de paz.
Noites de Natal, tão belas.

2. Gida nazu Gau ona

*Gida nazu Gau
ona oskarbi zeruan
Haur eder horrengana
ia zer nahi duan.
Ez nau beldurtzen hotzak ezta ere nekeak,
bero daukat bihotaz aurkitu artean.*

3. Gabon izar

*Gabon izar e-der
poztu nauzu bihotza
oihuz noa alaitzera
txirul txirulaz.*

*Atabal doinua txalapartare
Cizadia kutsatuz pake pozez.*

*Izar eder ez sekulan gorde
iluna uxa dezagun abestuz ere.*

Aleluia.

Lars Jansson (arr. Gunnar Eriksson)

To the mothers in Brazil: Salve Regina

*Salve, Regina,
mater misericordiae.
Ad te clamamus
exules filii Hevae.*

*Regina coeli
laetare, alleluia.*

*O clemens, o pia,
o dulcis Virgo Maria,
et Jesum benedictum
fructum ventris tui.*

Guia-me, noite de Natal,
de céu tão límpido,
até junto do Menino tão formoso,
que por mim anseia.
Nem o frio, nem o cansaço me demovem,
que o coração, a arder, é que me leva até ele.

Estrela bela do Natal,
alegraste-me o coração,
vou cantando, para festejar,
ao som da flautinha.

O rufar do tambor, o estalar da txalaparta,
contagiando a multidão com paz e alegria.

Estrela bela, nunca te escondas,
expulsemos a escuridão, também cantando.

Aleluia.

Salve, Rainha,
mãe de misericórdia.
Por vós chamamos, nós,
os filhos proscritos de Eva.

Rainha do Céu,
alegrai-vos, alleluia.

Ó clemente, ó piedosa,
ó doce Maria,
e jesus, bendito
fruto do vosso ventre.

Ernani Aguiar

Acalanto para o Menino Jesus

*Brilha o Céu lá de Belém
a estrela que nos vem
e nos traz a mensagem.*

*Dorme ao chão, Menino Paz,
deitado entre animais,
nos revela a verdade.*

*Dorme, traz a tua paz,
dizendo o que nós somos
no sossego do sono traz a Paz.*

*Todos nascemos iguais,
viemos de um só Pai.
Todos somos irmãos.*

*Brilha o céu lá de Belém
a estrela que nos vem
e nos traz a verdade.*

*Brilha estrela do teu céu,
os homens têm um véu
que os encobre na guerra.*

*Dorme ao chão, Menino Paz,
deitado entre animais,
nos revela a verdade.*

*Dorme ao chão, Menino Paz,
descansa e nos traz a Paz,
traz esperança na Terra.*

Marcos Leite

Três Cantos Nativos

(tradicional Kraô — cantos indígenas)

[Os fonemas que compõem o texto não têm tradução conhecida, pelo que o seu sentido é mais musical do que literário.]

Luis Eduardo Galián

Esta bella Noche

*Esta bella noche es de gran alegría
porque ya ha nacido el Mesías.
Y los chiquitines cantan con dulzura
porque ya nació nuestro guía.*

*La familia toda estará reunida con humildad
y el abrazo no faltará en todita la vecindad.*

*Esta bella noche estaremos todos
cantando aguinaldos para nuestro bien.*

Esta noite bela é de grande alegria
porque já nasceu o Messias.
E os pequeninos cantam com doçura
porque já nasceu o nosso guia.

Toda a família estará reunida humildemente
e o abraço não faltará por toda a vizinhança.

Esta noite bela estaremos todos
cantando aguinaldos para nossa alegria.

José Benito Barros Palomino

Navidad Negra

*En la playa blanca
de arena caliente
hay rumor de cumbia
y olor a aguardiente.*

*La noche en su traje negro
estrellas tiene a millares,
y con rayitos de luna
van nasciendo los cantares.*

*El pescador de mi tierra,
el pescador de mi tierra...*

*Bailan las canoas
formando una fila,
mientras canta el boga
su canción sentida.*

*En todas la rancherías,
se ven bonitos altares,
y com millos y tambores
van nasciendo los cantares.*

El pescador de mi tierra...

Na praia branca
de areia quente
há o rumor da cumbia
e cheiro a aguardente.

A noite, no seu vestido negro,
tem estrelas aos milhares,
e com raios de lua
vão nascendo as canções.

O pescador da minha terra,
o pescador da minha terra...

Dançam as canoas
formando uma fila,
enquanto o remador canta
a sua canção sentida.

Em todos os bairros humildes,
se veem bonitos altares,
e com millos² e tambores
vão nascendo as canções.

O pescador da minha terra...

² Millos: aerofone de origem indígena utilizado na execução da *cumbia* na costa caribenha colombiana.

Tradicional Venezuela

(arr: Alberto Grau)

Niño Lindo

REFRÃO

*Niño lindo ante ti me rindo,
niño lindo eres tu mi Dios.*

*Esa tu hermosura, ese tu candor
el alma me roba, me roba el amor.*

*Con tus ojos lindos, Jesús, mirame
y solo con eso, me consolaré.*

*Adiós, tierno Infante, adiós, niño adiós,
adiós, dulce amante, adiós, niño adiós.*

Lindo Menino, perante ti me rendo,
Lindo Menino, tu és o meu Deus.

Esse teu encanto, essa tua candura
Roubam-me a alma, roubam-me o amor.

Com teus olhos lindos, Jesus, olha para mim
E só com isso, me consolarei.

Adeus, terno Infante, adeus, Menino, adeus,
Adeus, doce amado, adeus, Menino, adeus.

Eduardo Falú

Villancico de la Falta de Fe (Luis Rosales)

*En el cielo hay una estrella,
nueva y lentísima es
la estrella de Dios que guía
hacia el portal de Belén.*

*Los magos como son magos,
vieron la estrella nacer;
los hombres como son hombres,
la miran y no la ven.*

*Baltazar tiene la carne
morena como el almez;
Gaspar es viejo, tan viejo,
que ha muerto más de una vez.*

*Y Melchor es tan creyente,
tan iluminado,
que siempre que sus ojos miran,
se ven sus ojos arder.*

No céu há uma estrela,
nova e lentíssima,
a estrela de Deus que guia
para o portal de Belém.

Os magos, porque são magos,
viram a estrela nascer;
os homens, porque são homens,
olham-na e não a veem.

Baltazar tem a carne
morena como o lódão;
Gaspar é velho, tão velho,
que já morreu mais de uma vez.

E Belchior é tão crente,
tão iluminado,
que sempre que os seus olhos fitam,
veem-se os seus olhos a arder.

*Pasan desiertos, desiertos,
como los hombres también,
y bosques que acaso nunca
volverán a florecer.*

*Pasan años, años, años
y el mundo siempre los ve,
Con una llaga en la mano,
caminando hacia Belén.*

*La nieve es mucha
los hombres siguen padeciendo sed.
Todo es lo mismo
es tan distinta la fe.*

*La nieve sigue en el campo
la sangre sigue en el pie,
la estrella sigue en el cielo.
Pero no todos la ven.*

Joseph Monthé
(arr. Justin Joel Eba Dimbeng)
Yahwé Kola

*Yah wé Yah wé
mboo yoh siè yoh ko la é
ko la Yah wé ko la é Yah wé*

*é teh ndou yoh siè yoh ko la é
siè nkwè ni siè yoh ko la é
ko la Yah wé ko la é*

*é zu po yoh siè yoh ko la é
po nkwe no siè yoh ko la é
ko la Yah wé ko la é*

*é siè nkwè kam é
nga ngu wa pah la'a
nham sio é
ko la Yah wé ko la é*

Yah wé Yah wé...

Atravessam desertos, desertos,
como também os homens,
e bosques que talvez nunca
voltem a florir.

Atravessam anos, anos, anos
e o mundo sempre os vê,
Com uma chaga na mão,
caminhando para Belém.

A neve é muita,
os homens continuam a padecer de sede.
Tudo é igual,
tão diferente é a fé.

A neve permanece no campo,
o sangue permanece no pé,
a estrela permanece no céu.
Mas nem todos a veem.

Yahwé, Yahwé,
vinde todos, vinde louvar.
Louva a Yahwé.

Agradecei a ele, vinde louvar,
regozijai-vos, vinde louvar.
Louva a Yahwé, louva.

Exaltai-o, vinde louvar,
bendizeis-o, vinde louvar.
Louva a Yahwé, louva

Alegria perfeita é esta
porque o seu amor é eterno,
em verdade.
Louva a Yahwé, louva!

Yahwé, Yahwé...

Robert Mawuena Kwami

Krismas dodzi vo

*Mawudolawo gbona,
mido aseye, mido aseye!*

*Krismas dodzi vo,
mido dzidzo xli,
egbe, egbe sia hã,
gafogo sia hã me.*

*Xeyixia dodzi vo loo.
Mise Mawudolawo fegbe,
wo le ha dzim le dzi fo boo,
hele gbogblom na amegbeto be:*

*Xeyixia dodzi vo loo,
e-do edzi azõ.*

*Nuti koko e na Mawu le dzifo boo,
Eye nutifafa ava 'nyigbala dzi,
Amegbeto akpo nudzedze nyuie le.
Eyekpo nudzedze nyuie le.*

Christian Onyeji

Amuwooro ayi otu nwa

*O n'ihì n'amuwor'ayi otu nwa.
Otu nwa ka e nyewor'ayi.
Otu nwa nwoke ka e nyewor'ayi.*

*Chineke nke bu dike,
Nnanke bu nna mgbe nile, nyewor'ayi.*

Eis que os anjos chegam,
louvores cantai, cantai!

O tempo do Natal chegou,
fazei um brado de alegria;
Este dia, este dia esplêndido,
Este é o dia de nos alegrarmos.

Agora é o tempo da nossa alegria.
Ouvi os anjos lá no alto,
em vozes claras, desde os céus,
a proclamar aos povos na terra:

Agora é o tempo da nossa alegria,
pois ele trouxe a salvação.

Glória a Deus nos céus altíssimos,
e que a paz reine na terra,
que os povos encontrem felicidade na terra,
que a felicidade e a paz reinem na terra.

Porque nos foi dado agora um Menino.
Um Filho nos foi dado.
Um Filho varão nos foi dado.

O Deus poderoso, príncipe da paz,
Pai eterno, deu-nos um Filho.

Francine Cockenpot/Raphaël Passaquet

Noël noir

*Dans l'Etat de Colonie,
Vit Marie,
Avec un nommé
Joseph Charpentier.
La Marie a la peau blanche,
L'âme aussi.
Le mari a la peau blanche,
Moi aussi.*

REFRÃO

*Le nègre est nègre, le blanc est blanc
Dieu n'est pas nègre, Dieu n'est pas blanc.
Au Paradis du bon Jésus,
Ya pas d'pauv'nègre, ya pas d'sale blanc.*

*Le jour de Noël est venu
La Marie
A fait un petit Jésus
Dans la nuit.
Les voisins sont venus voir
En chantant
Le nouveau-né qu'avait fait
La maman.*

*Le fils d'la Vierge Marie
Est négro,
Devant quoi la terr' des blancs
Cria : "Oh !...
Jésus ou pas, on n'veut pas
D'un marmot
Dans l'État de Colonie
Noir de peau !"*

*Quand vint le beau temps fleuri
Des rameaux,
Ils ont condamné à mort
Le négro.
Dans l'État de Colonie
L'est un'croix,
Et sur la croix un négro
Fils de Dieu.*

No Estado da Colónia,
Vive Maria,
Com um homem chamado
José Carpinteiro.
A Maria tem a pele branca,
A alma também.
O marido tem a pele branca,
Eu também.

O negro é negro, o branco é branco
Deus não é negro, Deus não é branco.
No Paraíso do bom Jesus,
Não há pobre negro, não há branco sujo.

O dia de Natal chegou
A Maria
Fez um pequeno Jesus
Durante a noite.
Os vizinhos vieram ver
Cantando
O recém-nascido que a mãe
Tinha feito.

O filho da Virgem Maria
É negro,
Perante o qual a terra dos brancos
Gritou: "Oh!
Jesus ou não, não queremos
De um bebé
No Estado da Colónia
De pele negra!"

Quando chegou o bom tempo florido
Dos ramos,
Condenaram à morte
O negro.
No Estado da Colónia
Há uma cruz,
E sobre a cruz um negro
Filho de Deus.

Tradicional crioulo (arr. Nicolas Renaux)

Noël à la crèche: Allez mon voisin

*Promptement levez-vous (mon voisin)
le Sauveur de la Terre
est enfin parmi nous (mon voisin),
envoyé par son père (mon voisin).*

*Allez, mon voisin,
à la crèche, mon voisin!*

*Veillant sur mon troupeau (mon voisin),
Autour de ce village,
J'entends un air nouveau (mon voisin),
et du plus doux langage (mon voisin).*

*Allez, mon voisin,
à la crèche, mon voisin!*

Levantai-vos depressa (meu vizinho),
o Salvador da Terra
está finalmente entre nós (meu vizinho),
enviado pelo seu pai (meu vizinho).

Vamos, meu vizinho,
ao presépio, meu vizinho!

Velando pelo meu rebanho (meu vizinho),
em torno desta aldeia,
Ouço uma melodia nova (meu vizinho),
e a mais doce das falas (meu vizinho).

Vamos, meu vizinho,
ao presépio, meu vizinho!

Léo Warynski direção musical

Preciso, sensível e audacioso são alguns dos termos já usados para caracterizar o maestro Léo Warynski. Expansivo e polivalente, dirige com o mesmo entusiasmo qualquer repertório: ópera, música sinfônica, contemporânea e vocal.

Léo Warynski formou-se em direção de orquestra com François-Xavier Roth (Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris). Ao longo dos dez anos seguintes, adquiriu uma experiência importante com diferentes formações em França e no resto do mundo, apresentando-se nas mais relevantes salas e festivais. É frequentemente convidado da Orquestra Nacional da Ilha de França, da Orquestra da Normandia, do Ensemble inter-contemporain e da Orquestra de Colombie. O gosto pela música vocal e pela ópera leva-o a dirigir produções líricas, destacando-se a colaboração com a Academia da Ópera de Paris.

Entre os seus compromissos para esta temporada figuram concertos com a Orquestra do Capitólio de Toulouse, a Orquestra Filarmônica de Nice (reposição de *200 motels* de Frank Zappa) e a Orquestra de Bade-Würtemberg, bem como produções da Ópera de Toulon (*O Morcego* de J. Strauss) e do Teatro Colón de Buenos Aires (*Neither* de Morton Feldman).

Warynski é diretor artístico do ensemble vocal Les Métaboles, que fundou em 2010. Em 2014, foi nomeado diretor musical do Multilatérale, um ensemble instrumental dedicado à nova música.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música tem uma formação base de 18 cantores, que se alarga a dimensão média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido dirigido por outros nomes prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. Em 2025 trabalha pela primeira vez com Florian Helgath e Peter Dijkstra. A interpretação de obras corais-sinfónicas levam-no a colaborar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires, Daniel Moreira e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel

ou Cage. A presente temporada reforça a versatilidade do Coro, abrangendo a música antiga com Allegri, Scarlatti e João Rodrigues Esteves, uma figura importante do Barroco português, mas também obras recentes de Caroline Shaw, James MacMillan e Knut Nystedt, esta última em estreia nacional.

A música portuguesa é um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, foi editado pela Naxos em junho de 2024.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações*, *A Criação* e *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss. Na temporada de 2025, apresenta a *Missa Glagolítica* de Janáček, a *Sinfonia n.º 3 “Canção da noite”* de Szymanowski e o *Magnificat em Dó* de Telemann.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Sopranos

Ana Caseiro

Eva Braga Simões

Joana Pereira

Leonor Barbosa de Melo

Rita Venda

Tenores

André Lacerda

Miguel Leitão

Tiago Sousa

Vitor Sousa

Contraltos

Ana Calheiros

Joana Guimarães

Joana Valente

Maria João Gomes

Baixos

Eduardo Portugal

Francisco Reis

Nuno Mendes

Pedro Guedes Marques

Ricardo Torres

Maestro adjunto

Pedro Teixeira

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

